ENCONTRO NACIONAL DE ARQUITETOS

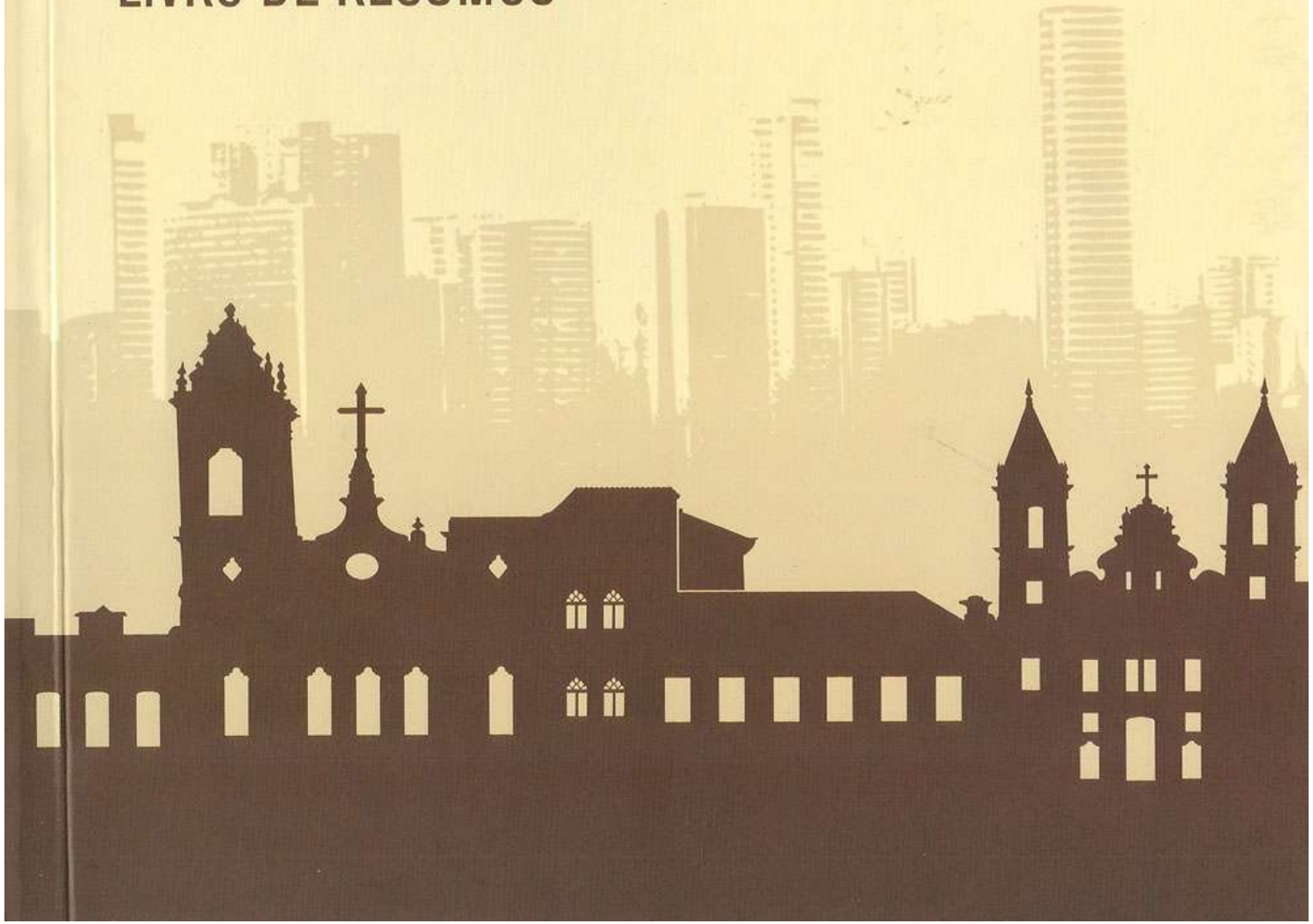
ARQUIMEMÓRIA 3

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Patrimônio Edificado: Função Social, Integração e Participação

SALVADOR, 08 A 11 DE JUNHO DE 2008

LIVRO DE RESUMOS



Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado (3.: 2008: Salvador, BA)

ArquiMemória 3 – Anais do III Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado, Salvador, BA., 08 a 11 de junho de 2008. / organizado por Paulo Ormindo de Azevedo e Nivaldo Vieira de Andrade Junior. - - Salvador, BA: Departamento da Bahia do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-BA), 2008.

180p.

Inclui CD-Rom

1 . Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado (3.: 2008: Salvador, BA). II. ArquiMemória 3 III. Azevedo, Paulo Ormindo de (org.) IV. Andrade Junior, Nivaldo Vieira (org.) 1. Patrimônio Edificado 2. Arquitetura 3. Urbanismo 4. Conservação e restauro 5.Centros históricos 6. Políticas Públicas.

CDU: 719 :72

Catalogação na Publicação

Bibliotecária Responsável: Adriana Wolf Nogueira - CRB 7/5564

O NOVO NO VELHO: Edifício no Centro Histórico de Salvador

Paulo Ormindo de Azevedo (PPG-AU/FAUFBA) ormindo1@terra.com.br

O preenchimento de lacunas é uma questão comum na restauração de pintura. A recomendação é que elas devem ser preenchidas com técnica que possibilite distinguir a obra original da intervenção do restaurador, mas sem prejudicar a unidade da obra de arte. Na prática, que o preenchimento não seja perceptível à distancia, mas identificável de perto. Do mesmo modo, os vazios deixados pela ruína de edifícios em um correr de casas ou sobrados devem ser preenchidos para que se possa restabelecer a unidade do conjunto, mas sem choque. Recém formado e trabalhando na DPHAN me deparei com esta questão.

O que se praticava na época era o preenchimento do baldio com o chamado Estilo Patrimônio. Eu não concordava com tais pastiches e tive o apoio do poeta e diretor da DPHAN na Bahia, Godofredo Filho. Mas conseguir que as partes realizassem uma arquitetura com essas características não era fácil. Recordo-me de alguns casos dramáticos. Num deles, o construtor, depois de ouvir atentamente minhas explicações, me trouxe um projeto neocolonial, que era um horror. Quando lhe disse que não podia aprovar aquilo, o homem quase chorou. Como podiam indeferir um projeto que ele havia feito com tanto carinho, estudando até altas horas o Colonial brasileiro?

Foi nesse quadro que um proprietário de um baldio ruinoso na Rua do Bispo procurou a DPHAN para saber o que poderia fazer no mesmo. Expliquei-lhe e pedi que ele trouxesse o seu arquiteto. Ele não sabia

o que era aquilo e insinuou que eu deveria fazer o projeto. Recusei, mas ele voltou varias vezes insistindo. Numa dessas, Godofredo chamou a ele e a mim e me convenceu a fazer o projeto para exemplificar como devia ser uma construção nova em um contexto antigo. Assim nasceu o projeto do Ed. Ypê.

Nele procurei conciliar os princípios e vocabulário do Modernismo brasileiro - estrutura á vista, janelas de venezianas totais e a planta livre - com as relações volumétrica e de cheios e vazios, além de observar os níveis e linhas de composição dos belos sobrados vizinhos. Para atender a demanda do proprietário de mais um piso, reinterpretei alguns elementos, como os balcões em treliça, que passaram a servir de "brise soleil" para as lojas de pés direitos duplos e mezanino.

Acho que logrei o esperado e descobri, mais tarde, quando estudei na Itália, que estava no caminho certo. Creio que fui um dos pioneiros dessa busca da contextualização da arquitetura moderna no país. Pena que esta experiência pouco divulgada não tenha conseguido sepultar de vez o Estilo Patrimônio, de que nossas cidades históricas estão cheias.

PALAVRAS CHAVE: Contextualização arquitetônica – centros históricos – arquitetura moderna